

Mídia e Ciência: como os jornais da segunda metade do século XIX podem ter iniciado a história do jornalismo científico em Manaus¹

Andréa Maria Pampolha ARRUDA²

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz (ICICT/Fiocruz)

RESUMO

É histórica a aproximação entre jornalismo e ciência como meio de difusão e popularização do conhecimento. Os primeiros periódicos impressos de Manaus circularam a partir da segunda metade do século XIX e neles já era possível encontrar muitas referências ao saber científico. O presente artigo baseia-se em pesquisa, com resultados ainda inéditos, para analisar como o jornalismo científico deu seus primeiros passos na imprensa amazonense. Foram escolhidas para análise sete coleções de jornais que circularam entre 1854 e 1898, onde foram identificados comunicados oficiais, artigos, notícias e anúncios, em um total de 198 itens que, por sua relação com a ciência e a saúde, podem indicar a prática do jornalismo científico, ainda que em fase embrionária.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo científico; história e jornalismo; comunicação e saúde; jornalismo no Amazonas.

Aproximados pela necessidade cada vez mais evidente de difundir o conhecimento, no Amazonas, o jornalismo e a ciência parecem ter iniciado esta relação desde o surgimento dos primeiros jornais amazonenses, na segunda metade do século XIX, como sugere o resultado de pesquisa realizada em 1992, no contexto do curso de graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas³, com resultados inéditos e cujo resgate se deve à importância do jornalismo científico no momento atual e à necessidade de aprofundamento de questões específicas relativas ao tema.

Ao longo do século XIX, a ciência, sobretudo as informações sobre saúde, despontava entre comunicados oficiais, notícias e anúncios publicados nos periódicos locais. Mas, de fato, estes jornais praticaram o jornalismo científico?

Visível hoje nos mais diversos meios de comunicação, desde os mais tradicionais aos mais contemporâneos, o jornalismo científico é uma modalidade de jornalismo com

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Informação e Comunicação em Saúde, do ICICT/Fiocruz, bolsista da Fapeam, e-mail: andreaarruda@ig.com.br

³ "Jornalismo e Ciência: Uma Antiga Fórmula de Difundir o Conhecimento. Estudo do Jornalismo Científico na segunda metade do século XIX, em Manaus", feito sob a orientação do professor Doutor Walmir de Albuquerque Barbosa.

características especiais. Presente na imprensa brasileira desde as suas origens (o *Correio Braziliense*, considerado o primeiro jornal a circular no país, em 1808, era dividido nas seções de literatura, letras e ciência), evoluiu especialmente a partir da década de 1950 com as colunas específicas e periódicos especializados em ciência e tecnologia. É definido por Wilson da Costa Bueno como “um caso particular de divulgação científica, que se refere a estratégias, técnicas e mecanismos para veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e da tecnologia” (Bueno, 1983, p. 11).

A Ciência e o Século XIX

No século XIX a humanidade assistia a grandes avanços da ciência. Além disso, nos diz Collin Ronan, a ciência começou a se transformar em algo mais público, “na medida em que suas consequências práticas se tornavam mais evidentes na vida diária” (Ronan, 1987, p.7). A fundação da Associação Britânica para o Progresso da Ciência (1831), criando em 1840 a denominação “cientista”, e o surgimento de outras organizações destinadas a promover a ciência revelam, segundo o autor, a importância que os próprios cientistas davam ao seu trabalho e à necessidade de levá-lo ao conhecimento público.

A área de ciências médicas estava, até o início do século XIX ligada aos pequenos avanços da biologia que, por sua vez, esperava por verdades históricas e geológicas que abrissem as portas para a formação da vida e das espécies. Em 1830 surge como um marco a obra “*Os Princípios da Geologia*” mostrando, entre outras coisas que as alterações geológicas do planeta se deviam ao curso uniforme da natureza, sendo inútil culpar as grandes erupções e catástrofes por essas transformações. Ao mesmo tempo, se fazia previsões quanto à descoberta de fósseis do homem pré-histórico, negada até que fosse encontrado o homem de Neanderthal, em 1856. Em 1859, Charles Darwin lançou “*A Origem das Espécies*”, defendendo que a evolução das espécies se dava por uma seleção natural e não por um simples ato de criação divina.

De todos os avanços da biologia no século XIX os mais importantes para a medicina foram os relacionados à teoria da célula e aos estudos sobre a geração espontânea da vida, que permitiram mais tarde a descoberta dos cromossomos. A descoberta dos “bacilos”, por Ferdinand Cohn, demoliu o conceito de geração espontânea e conduziu a um entendimento mais preciso das formas de transmissão das doenças, sendo fundamental para as descobertas de Pasteur e o desenvolvimento de vacinas seguras – contra o antraz, em 1881, e contra a hidrofobia, em 1882 – a partir do cultivo de bactérias em laboratório o que, por sua vez,

viabilizou o desenvolvimento de outras vacinas no século XX, como as destinadas a evitar a poliomielite e a febre amarela.

A prática da cirurgia foi revolucionária durante o século XIX, a partir do uso da assepsia. Também houve no período a revisão da teoria atômica da matéria e o desenvolvimento da química orgânica depois de Lavoisier haver descoberto no início do século que a vida poderia ser analisada a partir das ciências inorgânicas ao concluir que a respiração é uma forma de combustão.

As ciências sociais também tiveram avanço significativo durante o século XIX, com a solidificação de bases científicas para o estudo da sociedade humana e o desenvolvimento de áreas de estudo como a antropologia, a sociologia e a psicologia. São ainda desse século as descobertas das leis da termodinâmica, por Sadi Carnot; das ondas de rádio, por Hertz em 1883; dos raios X, por Roetgen, em 1895; e da radioatividade, por Becquerel, em 1896, entre tantos outros avanços que modificaram profundamente o conhecimento e a vida da humanidade.

Os grandes centros de desenvolvimento e difusão da produção científica estavam, durante o século XIX na Europa Ocidental, representados por organizações francesas como a Academia Real Francesa, a Escola Politécnica e o Museu de História Natural; a Instituição Real da Inglaterra; as Associações Britânica e Americana para o Progresso da Ciência, a Sociedade Real Britânica e o Laboratório alemão Liebig (Hobsbawn, 1988).

A Província do Amazonas

No início dos anos de 1850, o Amazonas era uma Província recém-criada. A Lei n. 582, de 5 de setembro de 1850 elevou a Comarca do Rio Negro à categoria de Província (instalada em 1º de janeiro de 1852), tendo como capital a então Vila da Barra do Rio Negro (nomeada Manaus em 1856). Até o dia 21 de novembro de 1889, quando deixou de ser Província em função da mudança do regime Imperial para o Republicano, o Amazonas teve 63 governantes, numa descontinuidade que traria alguns danos ao seu desenvolvimento, “pelas constantes mudanças de plano e pelas célebres ‘viradas’, algumas salutares” (LOUREIRO, 2007, p.26).

O médico alemão Robert Avé-Lallemant, em visita ao Amazonas, em 1859, descreveu a cidade da Barra como um lugar de “pequenos e grandes fenômenos, contrastes e enigmas” (Avé-Lallemant, 1980, p.100) - grandes edifícios em estilo europeu e primitivas casas de barro, ruas e igarapés, estradas e pontes de madeira, navio a vapor e canoas,

cultura europeia misturando-se com a local, urbanismo avançando sobre a floresta – onde “(...) tudo gira, para, anda e nada confusamente” (Idem).

Ao longo da segunda metade do século XIX, o Amazonas teve um crescimento populacional e econômico extraordinário. Houve um intenso fluxo migratório de brasileiros e estrangeiros, forçado por medidas de povoamento e pelas necessidades de mão de obra para o mercado da borracha, em crescente expansão.

Em pouco mais de 30 anos (de 1856 a 1890) a população da província aumentou em mais de 350%. Em números aproximados, em 1856 havia 41 mil habitantes na Província e em 1890 já eram 148 mil. O crescimento de Manaus foi ainda mais acentuado: 1.600% no mesmo período. De um vilarejo com apenas 1.200 habitantes, em 1856, a capital se transformou em um município com 38.720 mil residentes, de acordo com o censo de 1890 (LOUREIRO, 2007).

A configuração de Manaus mudou radicalmente ao longo deste período. Embora para benefício direto da elite, a riqueza decorrente da exportação da borracha permitiu o desenvolvimento urbano: a modernidade, o pioneirismo em soluções de infraestrutura (transporte e saneamento, por exemplo), o luxo e grandes obras da arquitetura, das quais o Teatro Amazonas é um ícone. Ao mesmo tempo, a cidade enfrentava sucessivos surtos e epidemias de doenças como varíola, gastroenterites, cólera, malária, sarampo e febre amarela (AVÉ-LALLEMANT, 1980).

A elite intelectual era bastante reduzida. A maioria dos habitantes era analfabeta. O censo de 1873 (LOUREIRO, 2007) apontava um total de 53.012 habitantes na Província, dos quais 44.752 analfabetos.

Uma das iniciativas de incentivo à produção do conhecimento científico na Província foi a criação do Museu Botânico, em Manaus, 1883. Os objetivos do Museu contemplavam a catalogação de plantas da flora amazonense; o estudo químico dos óleos, resinas, bálsamos, leites, seivas, gomas e fibras; a preparação de extratos e tinturas para experiências físicas e terapêuticas; a criação de um herbário; o estudo das plantas em relação às ciências, artes, indústria e comércio; e a edição de uma revista técnica, entre outros. Dirigido por João Barbosa Rodrigues e com inúmeras parcerias internacionais, o Museu logo alcançou 1.281 espécies vegetais no herbário e 1.103 objetos indígenas de 60 tribos, catalogados, desenhados e fotografados. Além disso, editou o primeiro exemplar da Revista do Museu. No entanto, foi extinto com República e suas peças foram perdidas, extraviadas ou para o acervo de outros museus (LOUREIRO, 2007).

A Imprensa amazonense no século XIX

O primeiro jornal a circular no Amazonas foi o “Cinco de Setembro”, que nasceu junto com a Província, em 1850. O periódico circulou até maio de 1851, sob a direção de Manoel da Silva Ramos, artista gráfico que, segundo Artur César Ferreira Reis (1989) mudou-se para a cidade a convite do amigo e primeiro presidente provincial, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Semanário de quatro páginas, o Cinco de Setembro foi transformado em janeiro de 1852 no “Estrella do Amazonas”. Sobreviveu até 1865.

No ano seguinte, em 1866, surgiu o “Amazonas”, que, de acordo com Artur César Ferreira Reis, foi o jornal de maior projeção durante o período provincial. Fundado por Antonio da Cunha Mendes, recebia a “colaboração das melhores penas do Amazonas” (REIS, 1989, p.9). Entre 1873 e 1874, circulou com o nome de “Diário do Amazonas”.

Em 15 de agosto de 1869 entrou em cena o terceiro jornal de vida prolongada, o “Commercio do Amazonas”, em substituição ao “Mercantil”, que circulou no ano anterior. Foi o primeiro a publicar telegramas e manter serviço de clichê.

Ao longo de todo da segunda metade do século XIX, o aparecimento de jornais na província se deu de forma crescente. Até 1889, o número de títulos havia chegado a mais de cem, entre os de linha política, literária e cultural, sendo exemplo das duas últimas o “Beijo” e “O Artista”, respectivamente. O aparecimento e o desaparecimento dos jornais ocorriam com facilidade. Alguns circulavam por apenas alguns meses.

No interior da Província, especialmente nas sedes dos municípios onde se concentravam as atividades de exploração da borracha, a imprensa também se desenvolveu. O primeiro periódico publicado fora da Barra foi o “Itacoatiara”, em 1874, no município homônimo. Depois dele, veio o “Foz do Madeira” (1876), também em Itacoatiara. Em novembro de 1881 foi a vez do “Rio Madeira”, em Manicoré, seguido pelo “Commercio do Madeira” (1884), “Correio do Madeira” (1885) e “Gazeta de Manicoré” (1886). Em Lábrea foram instalados o “Commercio do Purus”, o “Purus” e o “Labrense”, entre 1886 e 1888.

Além deles, durante a década de 1880, a imprensa amazonense colocou em circulação uma série de jornais de tendências políticas e ideológicas no contexto do Brasil pró-República, como o “Abolicionista do Amazonas” (1884), feito por um grupo de mulheres.

Especialmente nas duas primeiras décadas após o surgimento da imprensa no Amazonas, prevalecia nos jornais o caráter oficial de suas informações. Esta característica

pode sugerir seu enquadramento na primeira (“jornalismo áulico”) das quatro fases em que Nelson Werneck Sodré (1966) dividiu historicamente o jornalismo, e cuja marca é justamente a utilização predominante de informações e fontes oficiais. A maioria dos periódicos mantinha seções oficiais (Parte Oficial, Secção Oficial ou Expediente do Governo), onde eram publicados extensos documentos governamentais.

Em linhas gerais também compunham o conteúdo dos jornais os “Anúncios” ou “Parte Comercial” (vendas e prestação de serviços); os “Noticiários” (republicações de notícias de jornais do nordeste e sudeste do país e de publicações estrangeiras, que chegavam com os vapores, portanto sempre muito atrasadas); e as “Variedades” (área de literatura e curiosidades, com poesias, anedotas ou fatos inusitados). Em todas as seções observar-se a presença de informações de ciência ou saúde. Os jornais tinham seus assinantes que formavam a grande massa de leitores.

Durante toda a segunda metade do século XIX não existiram no Amazonas, publicações dedicadas exclusivamente aos assuntos científicos, havendo apenas o registro de uma única edição da Revista do Museu Botânico.

Jornais selecionados para facilitar o olhar

Os jornais escolhidos para análise circularam, em períodos concomitantes ou não, entre os anos de 1854 e 1898: “Estrella do Amazonas” (1852-1866), “O Catechista” (1862-1871), “A Voz do Amazonas” (1866-1867), “Jornal do Rio Negro” (1867-1868), “Jornal do Amazonas” (1875-1891), “O Artista” (1886-1887), e “O Imparcial” (1897). Para a escolha, foram levados em conta o acesso às coleções microfilmadas disponíveis no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (Igha) e a relevância dos títulos por tempo de circulação.

A pesquisa foi feita por amostragem ou em todos os exemplares disponíveis, compreendendo, para cada publicação, os seguintes períodos: “Estrella do Amazonas” (janeiro de 1854 a julho de 1863), “A Voz do Amazonas” (outubro de 1866 a março de 1867), “Jornal do Rio Negro” (agosto de 1867 a julho de 1868), “O Catechista” (março de 1869 a fevereiro de 1871), “Jornal do Amazonas” (abril de 1875 a abril de 1888), “O Artista” (setembro de 1886 a janeiro de 1887) e “O Imparcial” (março a julho de 1897).

Para a análise, foram selecionadas todas as informações referentes a doenças, processos de cura, medicamentos, profissionais de saúde, inovações científicas ou tecnológicas, laudos médicos, situação sanitária e saúde pública, com um total de 198

referências, assim distribuídas: “Estrella do Amazonas” (52), “A Voz do Amazonas” (5), “Jornal do Rio Negro” (12), “O Catechista” (13), “Jornal do Amazonas” (105), “O Artista” (2) e “O Imparcial” (9). O conteúdo identificado foi agrupado por tipo e dividido em seis categorias: Anúncios Farmacêuticos, Anúncios Médicos, Anúncios Odontológicos, Matérias Sensacionalistas, Matérias Informativas e Matérias Oficiais. Notas que não entraram na classificação de análise, mas merecem registro são as de agradecimentos de pacientes ou familiares, publicadas especialmente pelo “Estrella do Amazonas”.

Balcão de Ofertas: Os Anúncios Farmacêuticos

O maior número de informações relacionadas à ciência, especificamente à cura, foi encontrado na forma de anúncios de produtos farmacêuticos. Os anúncios eram publicados normalmente nas últimas páginas e repetiam-se por várias edições.

Eram poucos os recursos gráficos da época, por isso, os anúncios apareciam como notas simples, “soltas” na página. Com o tempo, multiplicaram-se, cresceram de tamanho e ganharam cercaduras. De uma ou poucas notas na página, passaram a ocupar dois terços e, por fim, páginas inteiras.

Os principais itens anunciados eram de xaropes, licores, vinhos, sabonetes, óleos e pastilhas. Como na época não havia medicamentos industrializados, os profissionais da saúde eram responsáveis pela fabricação e comercialização de fórmulas medicamentosas e apareciam nos anúncios como desenvolvedores da fórmula anunciada. Além disso, entravam no anúncio os locais de venda do produto, suas indicações e posologia.

Os anúncios também incluíam a chancela de institutos científicos franceses e brasileiros à fórmula anunciada, além de autorização das juntas comerciais.

O “Vinho do Doutor Vivien de Extracto Puro de Bacalhau”, por exemplo, dizia ser fabricado na França e ter a aprovação da Academia de Medicina de Paris (“Jornal do Amazonas”, 05/05/1882). O “Rabano Iodado” ganhou “medalha de prata na exposição universal de 1878” e a seguir foi admitido pela nova farmacopeia oficial francesa.

Os anúncios apareciam sempre como a solução mais simples e eficiente para todas as enfermidades. Muitos eram os apelos: “o maravilhoso”, “o infalível”, “o soberano”. O “Boldo Fraga de Godfray” era o “preservativo infalível de todas as afecções do fígado” e das “rebeldes moléstias”, mesmo daquelas resistentes “a qualquer tratamento” (“Jornal do Amazonas”, 29/07/1886). Já o “Xarope Laryngophilo Coquil” era excelente para o uso de “pregadores, artistas líricos e dramáticos, advogados, oradores, professores etc”, sendo

“soberano contra a extinção da voz e todas as afecções da laringe e dos brônquios” (“Jornal do Amazonas”, 16/03/1886).

Os medicamentos eram apresentados como novidades ou como fórmulas tradicionais. As “Pílulas Depurativas e Purgativas do Cirurgião Mattos”, por exemplo, atuavam com eficácia “há mais de 20 anos” (“Jornal do Amazonas”, 13/05/1886) e o “Tiro Mortal”, o “mais poderoso depurativo vegetal até hoje descoberto”, era um preparado herdado do farmacêutico José Miguel de Lemos, “primitivo proprietário da antiga e conceituada Pharmacia Lemos” (“O Imparcial”, 14/04/1897). O “Peitoral da Anacahuita”, por outro lado, representava o “triunfo da ciência medica!”, uma vez que “em tempos modernos nenhum descobrimento operou maior revolução no modo de curar” (“Jornal do Rio Negro”, 09/06/1868).

Não era raro que as fórmulas fossem indicadas para as mais diversas enfermidades: de problemas gástricos a complicações pulmonares. Este era o caso do “Elixir Trouette Perret – Pepsina Vegetal”, que garantia “cura certa” para “as moléstias do estômago, gastrites, diarreia, vômitos, peso no estômago e afecções das vias respiratórias” (“Jornal do Amazonas”, 20/09/1883). Também havia os indicados para problemas que iam da febre amarela a digestões difíceis, como as “Pílulas depurativas e purgativas do Dr. Mattos”, para “febre amarela, tifoide, reumatismo, aftalmia, gastrites, dispepsia, inapetência, digestões difíceis, congestões, inflamação do fígado, prisão de ventre, dores e peso na cabeça, erisipela, pneumonia, pleuris, coqueluche e beribéri” (“Jornal do Amazonas”, 13/05/1886).

Os medicamentos homeopáticos também figuravam entre os produtos anunciados. “Farmácias homeopáticas para bolso, vidros avulsos e medicamentos (...) em glóbulos ou tinturas” estavam à venda na Pharmacia Galeno (“Jornal do Amazonas”, 05/04/1888) e uma “Farmácia Homeopática Especial, com 180 medicamentos (...) do muito acreditado homeopata Dr. Sabino O. L. Pinho, de Pernambuco” podia ser encontrada na “Botica Nova” (“Jornal do Rio Negro”, 07/03/1868).

Além do reconhecimento do medicamento por instituições de respaldo científico, era importante que os medicamentos tivessem autenticidade comprovada. Havia disputa de mercado com embates públicos e denúncias de charlatanismo e prática ilegal da farmácia e da medicina. Anúncios alertavam para detalhes que indicavam a legitimidade dos produtos anunciados, como as “pílulas pra sezões e inflamações do fígado” do Dr. Novaes, que deveriam ter “sua assinatura com tinta preta e encarnada” (“Jornal do Amazonas”, 03/03/1887). Em 1871, “O Catechista” publicou artigos da “ley de salubridade publica,

chamando a atenção das autoridades para a infração dos artigos 67 (venda de medicamentos apenas por pessoas autorizadas), 71 (venda de medicamentos de composição desconhecida) e 71 (multa para os infratores).

Serviços que Curam: os Anúncios Médicos

Os médicos que atuavam no Amazonas durante a segunda metade do século XIX costumavam anunciar seus serviços nos jornais locais. Os anúncios vinham em forma de notas simples, frequentemente com a especialidade do profissional, local e horários de atendimento, além dos títulos e experiências que davam credibilidade ao médico. São exemplos: “Clinica Médico Cirúrgica – o Dr. Moreira de Magalhães dá consultas à Praça da Imperatriz, de 11 à 1 da tarde”, e “Consultório Médico Cirúrgico do Dr. Veiga Lima – Especialidades: moléstias das crianças, dos brônquios, dos pulmões, do estômago e febres. Consultório: Pharmacia Galeno, das 15 às 17” (“Jornal do Amazonas”, 22/07/1888).

Os jornais também eram usados para comunicar viagens mudanças de endereço, relatos de cirurgias, uso de novas técnicas e gratuidade aos pobres. O Dr. Jonathas Pedroza “retirando-se temporariamente para a Europa”, deixou encarregado de sua clínica o Dr. José Valle (“Jornal do Amazonas”, 30/03/1884). O Dr. Apigio M. de Menezes poderia ser “procurado em sua residência à praça D. Pedro II”, sendo que aos pobres as “consultas e visitas eram grátis” (“O Catechista”, 14/03/1869). O “Jornal do Rio Negro” publicou em 21/02/1868 o comunicado do Dr. David Canavarro de que havia ocorrido bem a cirurgia de um marinheiro com uma “lupia (sic) do tamanho de um ovo sobre o pômulo da face direita”.

Era comum, ainda, que os médicos anunciassem títulos e experiências adquiridas fora do Estado e na Europa. Quando a Pharmacia Central, por exemplo, anunciou os dois médicos que prestavam atendimento em suas instalações, destacou que ambos eram “habilitados pela Faculdade de Medicina da Bahia”.

Para Bocas Modernas: os Anúncios Odontológicos

Assim como os médicos, os dentistas ofereciam seus serviços à população por meio dos jornais. A maioria deles não residia no Amazonas. De passagem, instalavam seus consultórios na capital e atendiam quase sempre por curtos períodos de tempo. O dentista João Dix Weatherly, assim que chegou a bordo do vapor Marajó em outubro de 1875, publicou na edição de 23 de outubro do “Jornal do Amazonas” que poderia “(...) ser

procurado para os misteres de sua profissão” e que sua demora na capital seria de apenas 30 dias.

Também, da mesma forma que médicos e farmacêuticos, os dentistas divulgavam novas técnicas, equipamentos e curativos considerados modernos. O cirurgião dentista L.C. Prevoust, em 1871, “achava-se em seu gabinete todos os dias das 9 horas da manhã às 4 da tarde, oferecendo consultas, operações dentárias” e a colocação de dentes artificiais com “a maior perfeição, por todos os sistemas conhecidos até hoje, com base de ouro, de vulcanite ou ‘burracha’”, além de fazer extrações pelo meio mais fácil e mais suave (...), “com delicadeza e a preços razoáveis” (“O Catechista”, 04/02/1871). Um outro dentista fazia “extrações de dentes sem a menor dor, com o último anestésico descoberto, o “canabis indico” (“O Imparcial”, 14/04/1897).

Os anúncios dos dentistas eram semelhantes aos dos médicos e farmacêuticos, mas apareciam em menor quantidade, muito provavelmente porque em quantidade menor eram também os profissionais da área visitantes ou moradores da cidade.

Mais fantásticas e menos científicas: as Matérias Sensacionalistas

Na segunda metade do século XIX era possível ler muitas notícias com o caráter “fantástico” de fatos inusitados da medicina, principalmente aqueles para os quais a ciência ainda não tinha resposta. Nos jornais locais - mais reprodutores do que produtores de conteúdo – matérias sensacionalistas eram normalmente publicadas nas colunas de “variedades” ou “notícias diversas”. A maioria relatava nascimentos de crianças com mal formação, siameses e partos curiosos.

Destacamos um exemplo: em maio de 1877, o “Jornal do Amazonas” publicou uma nota de poucas linhas, contando, sob o título de “Monstro Humano”, que uma “mulher chamada Ana e casada com Raymundo de tal (sic), (...) deu à luz uma criança de “cabeça chata com duas caras, quatro olhos, duas bocas, dois narizes e quatro orelhas, (...) ligada a um só corpo até os peitos, dividindo-se em dois para baixo” (26/05/1877).

Mais perto da Ciência: as Matérias Informativas

Nos jornais estudados foram encontrados muitos textos, quase sempre mais longos que as notícias das demais seções, que se caracterizavam pela abordagem de assuntos

diretamente ligados ao desenvolvimento da ciência. Os conteúdos eram de novas fórmulas para tratar doenças a informações sobre técnicas, experiências e métodos aplicados em saúde, em curso na Europa. De maneira geral, eram traduções de publicações estrangeiras enviadas por navios que chegavam com meses de atraso no Amazonas.

Uma das novidades da ciência, publicadas pelo “Jornal do Amazonas”, em outubro de 1876, foi a nova utilização da transfusão sanguínea. “(...) Proscrita como bárbara e mortífera em 1668, tornou-se um recurso precioso nas mãos da cirurgia moderna. Em uma das últimas sessões da Sociedade Médica dos Hospitais de Paris, Mr. Moulard Martin deu conta de um novo exemplo de transfusão (...) feita pelo seu colega Mr. Lefort, cirurgião do hospital Bosujo, em uma hemorragia (...): injetaram-se-lhe 160 grammas de sangue: (...) no dia seguinte notaram-se logo melhoras sensíveis e três semanas depois a cura estava completa” (19/10/1876).

A criação da Sociedade de Autopsia Mutua (uma tradução do que fora publicado na revista France), comemorando o fato de médicos e literatos oferecerem seus corpos para autopsia foi feita pelo “Jornal do Amazonas” (09/02/1877), uma sugestão de prevenção para o Cholera morbus, extraída do “Standard”, jornal inglês, foi publicada pelo mesmo jornal em 22/01/1887, assim como um artigo traduzido do Folhetim Sciences sobre importância da higiene na prevenção de doenças e epidemias.

Os jornais também foram bastante utilizados para alertar, esclarecer, aconselhar e criticar governo e povo, atribuindo, muitos dos males que acometiam a população aos “focos de miasmas” que eram os igarapés na época da vazante: “(...) porque infelizmente do que menos se cuida em nossa terra é da saúde pública...”. Durante uma epidemia de varíola, o “Jornal do Rio Negro” cobrou da Câmara Municipal medidas higiênicas “com as quais se desinfeste a cidade” (14/03/1868).

Ervas medicinais da região ocuparam as páginas de mais de uma edição d’A Voz do Amazonas”. Em função de uma exposição local de produtos típicos, o jornal preparou longas listas de ervas, cipós, cascas e frutos, acompanhados da indicação terapêutica e da tradicional forma de uso (03 e 17/10/1866).

Na coluna Variedades, o “Estrella do Amazonas” publicou um texto longo e detalhado sobre as propriedades e uso do guaraná e sua indicação como preservativo das “febres malignas e podres”. O texto trazia detalhes do estudo do “Dr. Gravelle”, que teria percorrido a América meridional em busca de conhecimento empírico antes de realizar a decomposição e análise química do guaraná na Europa, publicando seus resultados em

Paris. De acordo com o texto publicado no “Estrella do Amazonas”, Gravelle concluiu que a *Paullinia sorbillis* seria um excelente tônico e calmante, sendo seu uso de grande utilidade “em todas as doenças de fraqueza e nas nervosas” e até nas tísicas, até certo grau, por evitar complicações. (07/06/1854).

Sobre os malefícios do tabaco o “Jornal do Rio Negro” publicou, em 1868, trechos do relatório de um “médico distinto”. Depois de citar o crescimento do hábito de fumar no mundo, com dados como “a Inglaterra consome 15 milhões de tabacos americanos”, o texto apontava o perigo do tabaco, especialmente para os que “contraem esse gosto funesto desde a mais tenra idade”. O autor imputava ao fumo a diminuição da inteligência “diretamente pela sua ação sobre o cérebro, indiretamente produzindo a preguiça e substituindo a inércia à atividade do corpo”. (Jornal do Rio Negro, 04/02/1868)

Divulgação Oficial: dos gabinetes para o público

Relatórios ou textos oficiais, caracterizados como “expedientes de Governo”, eram comumente publicados nos jornais da segunda metade do século XIX. A grande maioria deste material se referia à saúde e incluía a divulgação de serviços, como a vacinação. Nos casos de epidemia, as publicações eram mais frequentes.

Muitos dos relatórios decorriam de visitas e inspeções de médicos do Governo em localidades específicas da capital e do interior do Amazonas. O objetivo, de acordo com os próprios relatórios era “ministrar socorro onde fosse necessário”, “prover as localidades de medicamentos”, “observar a marchas das moléstias e determinar suas causas”, além de “estabelecer as medidas para extingui-las ou minorá-las”, sendo uma obrigação dos médicos “apresentar relatório descrevendo o trajeto, o estado sanitário de cada lugar, as moléstias que predominam, as causas, as medidas higiênicas para extingui-las, o número de pessoas atingidas, com os respectivos sexo, cor e idade”, estabelecendo ainda, “a relação entre enfermos, mortos e a população total”.

O “Estrella do Amazonas” divulgou nos dias 12 de dezembro de 1855 e 16 de janeiro de 1866 extenso relatório assinado pelo estudante da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, Marcello Lobato Castro, especialmente enviado ao Amazonas. Nele, constava o estado sanitário da Villa de Barcelos e da Freguesia de Moura, com as causas determinantes das febres que atingiam a população durante determinadas épocas do ano e a terapêutica mais “racional” para combatê-las.

Várias doenças como cólera, sarampo, febre amarela e outras “febres” foram assuntos publicados nas seções oficiais. Apesar disso, em julho de 1886, durante a primeira sessão da 18ª. legislatura da Assembleia Provincial, o inspetor de saúde pública e comissário vacinador, Dr. Machado Aguiar, declarou que o estado sanitário da província nos últimos tempos era “excelente”. De acordo com ele, as condições de salubridade (criticadas fora do Estado) se deviam “a condições climatológicas cientificamente estudadas”, e fora as febres nas épocas de enchente ou vazante, “não há na região nenhuma moléstia de caráter endêmico”. Dizia que apesar da falta de limpeza nas ruas da cidade, da péssima qualidade da carne consumida e outras “circunstâncias desfavoráveis à higiene, foi excelente no último ano o estado sanitário de Manaus” (“Jornal do Amazonas”, 25/07/1886).

Quando, no início dos anos 1860, a febre amarela atingiu um grande número de habitantes, o “Estrella do Amazonas” publicou em sua seção oficial: “Estamos lutando contra a febre amarela, que não tem feito poucas vítimas em relação à diminuta população da nossa capital”. De acordo com a nota o presidente da Província tomava todas as providências para socorrer os pobres, com a abertura de crédito para este fim e instalação de uma enfermaria de caridade para tratamento dos indigentes (12/01/1861).

Os jornais do século XIX faziam jornalismo científico?

A análise do conteúdo dos jornais do século XIX, que compuseram o corpus da pesquisa, permite concluir que a divulgação de assuntos relacionados à ciência, em especial à saúde, ocorreu de forma frequente, sendo mais óbvia nos textos reproduzidos de jornais ou revistas estrangeiras, mas também indiretamente presente nas matérias sensacionalistas, nos anúncios de produtos e serviços de saúde e nos relatórios sanitários governamentais.

As descobertas científicas e sua aplicação em técnicas, tecnologias e medicamentos, traduzidas e veiculadas por meio dos periódicos para o entendimento leigo, seguramente correspondem ao processo social que se articula a partir da relação periódica entre os meios de comunicação e a coletividade que asseguram a transmissão de informações atualizadas, de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas, que Bueno (1983) entende como inerente ao jornalismo científico.

Ao mesmo tempo, a ênfase em conteúdo de saúde identificada nos jornais estudados indica a aplicação do entendimento da comunicação em saúde, considerada por Bueno (2001), como das mais importantes modalidades de divulgação científica.

A divulgação intensa de serviços da área médica, farmacêutica e odontológica sugere a importância dos jornais como veículos de comunicação durante o século XIX. O crescimento da quantidade de anúncios sobre serviços publicados indica, por sua vez, a valorização, à época já recorrente no mundo ocidental, da saúde como mercadoria e do medicamento como força simbólica, passando a saúde de “premissa existencial” para algo que “deve ser (apenas) recuperado e recuperável num mercado de bens de consumo” (LEFREVE, 1991, p.21).

A utilização dos gêneros informativo e opinativo nos jornais locais, com a clara valorização do segundo em detrimento do primeiro, o que pode ser esclarecido, em parte pelo grau de desenvolvimento em que estava o jornalismo local, e em parte pela vinculação dos jornais a ideias, projetos e partidos políticos, com predominância de vínculo com os governos. Praticava-se o “jornalismo áulico”, como define Neslon Werneck Sodré ao se referir a primeira fase das quatro que dividiram historicamente o jornalismo até meados do século XX (SODRÉ, 1966).

Não foi possível estabelecer relação direta entre os avanços da ciência no mundo e as notícias publicadas pelos jornais estudados. Também não se procurou estabelecer diretamente a relação entre as notícias publicadas e as os períodos críticos da saúde, em especial, inúmeros surtos e epidemias ocorridos ao longo do período no Amazonas, embora tenham sido citadas. Ficam estas questões como sugestão para novos estudos.

Podemos afirmar, considerando o espaço, o volume e a frequência dos conteúdos de ciência (particularmente saúde), que os periódicos do século XIX foram importantes difusores de ciência e tecnologia, praticando um jornalismo científico que, se em função do contexto histórico, não se assemelha ao contemporâneo por ter-lhe faltado a intenção explícita, sistematizada e padronizada de popularização do saber, pode ser considerado embrionário deste.

REFERÊNCIAS

ABRAMCZYC, Júlio. **O Jornalismo Científico e a Popularização da Ciência** in Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. *Jornalismo Científico*, Curitiba, 1988.

ASSMANN, Hugo. **Elementos para uma teoria da notícia científica** in Comunicação e Sociedade n.7 – *Jornalismo Científico/Jornalismo Brasileiro*. São Paulo: Editora Cortez, 1982.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No Rio Amazonas (1859)**. Tradução de elementos para uma teoria da notícia científica in Comunicação e Sociedade n.7 – *Jornalismo Científico/Jornalismo Brasileiro*. São Paulo: Editora Cortez, 1982.

- BUENO, W. C. A cobertura de saúde na mídia brasileira: sintomas de uma doença anunciada. **Portal do Jornalismo Científico**, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.jornalismo.cientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo3.php>. Acesso em: 09 de julho de 2012.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico no Brasil: Os compromissos de uma prática dependente**. São Paulo: ECA/USP, 1983.
- FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 2ª. Ed: São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- HOBBSAWN, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Tradução de Maria Tereza L. Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios. 89-1848**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LEFREVE, Fernando. **O Medicamento como Mercadoria Simbólica**. São Paulo: Editora Cortez, 1991.
- LOUREIRO, Antônio José Souto. **O Amazonas na Época Imperial**. 2ª. edição. Manaus: Editora Valer, 2007.
- MELO, José Marques. **Impasses do Jornalismo Científico in Comunicação e Sociedade n.7 – Jornalismo Científico/Jornalismo Brasileiro**. São Paulo: Editora Cortez, 1982.
- REIS, Arthur César Ferreira. **História do Amazonas**. Superintendência Cultural do Amazonas, Manaus, 1989.
- RONAN, Colin A. **História Ilustrada da Ciência: A Ciência nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.